

A LIBERDADE DE EXPRESSÃO DA COMUNIDADE GAY ATRAVESSADA PELOS DESAFIOS DA LINGUAGEM DO VESTUÁRIO

*The freedom of expression of the gay community affected by the challenges of
the clothing language*

Leidemer, Max Willian da Silva; Graduando; Universidade Feevale,
maxleidemer@gmail.com¹

Cezar, Marina Seibert; Doutora; Universidade Feevale, marinac@feevale.br²

Resumo: Esta pesquisa busca a compreensão sobre as formas de comunicação visual através da vestimenta em *gay* pertencentes a geração Z e Y, identificando as principais tensões desta expressão identitária, ocasionadas pelo preconceito, que podem ocasionar problemas como a baixo autoestima e falta de aceitação própria.

Palavras chave: Expressão; Homossexualidade; Vestuário.

Abstract: This research looking for to understand the forms of visual communication through the *gay* dress belonging to generation Z and Y, identifying the main tensions of this identity expression, caused by homophobia, which can cause problems such as low self-esteem and lack of self-acceptance.

Keywords: Expression; Homosexuality; Clothing.

Introdução

Esta investigação tem como assunto, as principais dificuldades para alcançar a liberdade de expressão, em grupos que não se encaixam no sistema heteronormativo e pertencentes às gerações Y e Z, através das roupas do dia a dia. O objetivo geral é examinar as dificuldades de manifestações desses sujeitos, de acordo com a expressão identitárias, estas, através da sua vestimenta, e identificar seus principais motivos. Ainda, analisa as possíveis formas de repressão àqueles que diferem do padrão de vestimenta implantado culturalmente; e por fim, pontuar as possíveis complicações que essas limitações impostas podem causar nesses grupos homossexuais.

¹ Graduando do curso de Moda da Universidade Feevale, técnico em Curtimento e Moda do Couro (Centro Tecnológico do Couro/SENAI RS).

² Docente com vínculo pela Universidade Feevale desde 2003, graduada em Tecnologia em Moda e Estilo (UCS/RS), especialista em Cultura de Moda (Anhembi Morumbi/SP), mestre em Moda, Cultura e Arte (SENAC/SP), doutora em Ciências Sociais (Unisinos/RS) e pós-graduanda em Filosofia e Contemporaneidade: Fundamentação Ética e Formação Humana (UNIVATES).

Para a sua realização, opta-se por uma metodologia de pesquisa de natureza básica, esta que segundo Prodanov e Freitas (2013), tem como objetivo gerar conhecimento para o avanço científico, envolvendo verdades e interesses universais. O procedimento técnico adotado é a revisão bibliográfica que busca por informações que comprovem e façam a base de argumentos em materiais já publicados. Além de uma pesquisa inicial através da ferramenta Google Docs com pessoas da região do Vale do Sinos e Grande Porto Alegre sobre o tema.

1. A comunidade LGBT

O desenvolvimento desta pesquisa se limita a compreensão de si como indivíduo que foge do padrão binário convencionalmente socialmente. Com a discussão de orientação sexual e gênero se tornando cada vez mais essencial para um desenvolvimento humano pleno, a comunidade LGBT³ ganha maior evidência e fortifica seu discurso de integração. Como assinala Facchini (2009), uma parte considerável dos movimentos sociais visíveis nos anos 1980 apresentam declínio, enquanto este cresce em quantidade de adeptos que se identificam e, com isso, amplia sua visibilidade e seus formatos institucionais.

A descoberta da própria homossexualidade pode trazer inúmeras questões culturais e morais que dificultam a aceitação de si próprio, uma vez que a sociedade, como a conhecemos, ainda não interpreta tais ações como aceitáveis, tendo a heterossexualidade como regra de orientação sexual: 'Os que se afastam dos modelos são reprovados e apontados como transgressores, anormais ou criminosos' salienta Costa (apud SOUZA, EUGÊNIO, 2011).

Devido ao crescimento do discurso de aceitação da comunidade LGBT, as gerações Y e Z iniciam um processo de exposição da sua homossexualidade e bissexuais, como cidadãos atuantes e visíveis. Segundo a pesquisa de Aceleração da Aceitação, promovida pela ONG americana Gay & Lesbian Alliance Against Defamation (GLAAD, 2017), 20% de pessoas entre 18 e 34 anos se identificam com orientações sexuais diferentes da heterossexual, ou seja, 1/5 da geração Y. E esse número cresce dentro da geração Z, chegando a 52% que

³ Sigla oficial adotada pela Organização das Nações Unidas para representar a comunidade gay, lésbica, bissexual, transsexual, travestis, e mais recentemente, queers e intersex (ONU, 2017).

se se auto identificando bissexual ou homossexual, segundo esta pesquisa coordenada por J. Walter Thompson Innovation Group.

Salta à vista o espaço que a comunidade LGBT alcançou nesta década, fato que proporcionalmente, trouxe inúmeros discursos homofóbicos, muitas vezes, movidos pela moral imposta por grupos religiosos com pensamentos ultrapassados. Souza e Eugênio (2017) salientam que, 'embora o estado seja laico, a religião ainda representa significativamente o modo de pensar da sociedade, pois seus ditames influenciam aqueles que seguem suas doutrinas.' Deste modo, a maneira que pessoas fora do binarismo encontraram para fortalecer sua voz foi unir-se em grupos e transformar a luta por aceitação em uma só.

2. Grupos e manifestos através do vestir

É possível perceber que a comunidade LGBT busca unir-se para compartilhar semelhantes pensamentos para se sentirem mais seguros e fortalecerem seu discurso, como explica Pereira, Ayrosa e Ojima (2006):

(...) membros de um movimento social como os gays têm desenvolvido uma consciência de grupo como resultado de uma história comum entre eles; particularmente, pela sua exclusão, mobilização e luta em resposta aos estigmas e preconceitos sofridos.

A busca por algum encaixe coletivo concretiza-se pela ordem do pertencimento, pela qual ocorre uma certa reprodução na regra de comportamento. O reconhecimento do outro como pertencente a alguma instância da mesma condição, evoca na mesma intensidade, a questão da responsabilidade de ordem cívica, assim como cria aconchego e segurança: 'Quando esta relação de informação se estabelece entre duas pessoas, parece, com certas exceções, criar uma vinculação social, colocando ambos os indivíduos em uma base nova em relação ao outro [...]' (GOFFMAN, 2010, p. 126). O autor nomeia essas pressuposições com fundamento na aparência semelhante de ritual de identificação, quando indivíduos possuem uma espécie de permissão previamente dada para abordar o outro, inclusive com algum grau de intimidade.

Todavia, dentro desta perspectiva, ao mesmo tempo em que o movimento gregário proporciona um vínculo identitário, a socialização com pessoas externas ao coletivo pode trazer aproximação com a expectativa social do senso comum. Dentro desses grupos há uma segurança na forma que se vestem e se expressam, em que Pereira, Ayrosa e Ojima (2006) explicam que a “própria identidade do indivíduo só é completamente construída após a aceitação no grupo”, o que não ocorre fora deste, uma vez que o pensamento comum da sociedade é de estigmatizar o que foge do padrão heteronormativo. É o que aponta Souza e Eugênio (2011): ‘A liberdade do sujeito de se expressar afetiva e sexualmente ainda não é culturalmente respeitada, embora prevista expressamente na Constituição Federal.’

Esta liberdade está fortemente ligada ao vestir, pois uma peça que comunique o que o indivíduo sente é mais gratificante do que a compra por marca ou tendência. ‘Quando as pessoas buscam um produto de moda, elas estão mais interessadas nas questões simbólicas que envolvem o produto’ (FILHO; GALINKIN, 2017, p. 08). Para *gays*, geralmente, a utilização de elementos tidos como pertencente a outro sexo, pode gerar, além de uma satisfação com a sua imagem, uma forma de manifesto. A comunicação neste caso é clara, a quebra do padrão binário pelas roupas usadas é a manifestação para o fim de tantas regras no âmbito cultural.

Sobre esta experiência subjetiva de performance do que é considerado ao homem ou à mulher, Duque (2013) estuda o assunto a partir de regras de visibilidade na agência identitária que são postas como marcadores sociais. Assim, a fluidez nas percepções de si é o que ele vai chamar de ‘passar por’, quando as pessoas querem revelar ou desconstruir na ordem do sexo e do gênero, nem sempre já dados e visíveis. Querer ‘passar por’ significa buscar por padrões generificados, supostamente naturais e suficientemente convincentes, e performatiza-los. Através de uma perspectiva desconstrutivista, o autor ressalta a ideia da produção de corpos dada pela rotina dos dispositivos sobre que se espera de um homem ou de uma mulher, sendo um destes, o vestuário.

Nessa dinâmica de assumir determinados regimes sobre o que usar durante o trânsito de identificação, Duque (2013, p. 140) certifica que ‘além do comportamento ao estar devidamente vestido e do contexto da interação na hora

da compra das roupas, outro acontecimento importante para a reflexão é a decisão do que abandonar ou incorporar no vestuário.' Essa decisão passa necessariamente pela compreensão de que a mesma peça pode gerar efeitos diferentes segundo as características de quem a veste, e por isso, não se trata simplesmente de escolher uma peça com a qual se julgue ficar bem vestido. Além disso, é notável a forma como pessoas da comunidade homossexual se veste e se comporta na sociedade ocidental, por exemplo, 'nos EUA, antes de 1941, já havia alguns produtos voltados para este público. Algumas peças do vestuário já eram usadas como forma de reconhecimento e codificação entre *gays*' alega Pereira, Ayrosa e Ojima (2006, p. 03).

Uma vez que a primeira impressão que temos do outro é através da sua imagem, e entendendo que 'a aparência traz ao seu observador mais indícios e pistas do que a linguagem formal' (SANT'ANNA, 2009, p. 17), compreende-se a escolha inconsciente destas formas de expressão da comunidade homossexual, pois 'o ato de vestir uma roupa e, antes disto, de se identificar e consumir algum produto de vestuário/moda é, ao mesmo tempo uma estratégia de posicionamento pessoal e um movimento de identificação com o coletivo', refletem Filho e Galinkin (2017, p. 03).

3. A comunidade homossexual e a moda

Pereira, Ayrosa e Ojima (2006) explicam que grupos marginalizados pela sociedade se tornam provedores de tendências e significado para a cultura dominante. Uma explicação pode ser a de que '*gays* caracterizam-se como sujeitos que buscam inovar, seja no que se refere aos comportamentos, ou no que se refere aos produtos que são criados por designers e estilistas', alegam Filho e Galinkin (2017, p. 08). Embora, valha lembrar que isso não significa acreditar que haja indivíduos com habilidades e desejos de acordo com a sexualidade, mas sim, que através do inconsciente coletivo, pessoas semelhantes tendem a encontrar significados em comum. É o que alega os autores, que desenvolveram uma pesquisa através de interesses gerais, separados por grau de importância por *gays*, na qual apresentou um sentimento deles serem mais próximos sobre o que se refere a informações de moda. Isso

pode explicar a massificação das tendências criadas por estes grupos e a fácil identificação através das roupas, ocorrendo, muitas vezes, uma confusão quando um heterossexual utiliza signos já convencionados como desordem. Os autores criticam a falta de possibilidade de expressão identitária quando o simples uso de uma camisa rosa já pode pôr em cheque a sua sexualidade.

Através de pesquisas de consumo, Pereira, Ayrosa e Ojima (2006, p. 05) perceberam que ‘um indivíduo que se classifica na categoria homossexual ativa essa identidade numa situação social específica (como uma parada gay) e a deixa dormente em outras situações (como no ambiente de trabalho).’ Por questões de etiquetas, a vestimenta utilizada em uma festividade como a parada gay não se adequa ao ambiente de trabalho, até porque, trata-se de um figurino.

Como exemplo dessa disparidade de aceitação, cita-se o caso que correu em Belo Horizonte com o maquiador e cabeleireiro Felipe Lucas, de 30 anos. Segundo o jornal local O Tempo (2017), o maquiador foi pela primeira vez à uma festa da região utilizando regata, calça e maquiado, dentro da festa foi abordado por dois seguranças que guiaram o rapaz até a saída alegando que a vestimenta não era apropriada. Segundo Felipe, inúmeros homens heterossexuais utilizavam regatas cavadas. A ação dos seguranças ocorreu quando o rapaz começou a dançar com o namorado, alegando que quando pagou a entrada e consumiu no bar, não foi avisado que a sua roupa não era apropriada.

Essa facilidade de identificação da identidade de gênero através das roupas e a força da heteronormatividade na sociedade, acarreta em inúmeros casos, agressões verbais, psicológicas e físicas:

Mesmo com a ampliação do reconhecimento das formas, conceitos e funções do sexo a partir do século XIX, é evidente que a sociedade mantém as classificações de sexualidade, além de estabelecer vias estreitas para a livre expressão dos sujeitos (SOUZA e EUGÊNIO, 2017)

Muitos desses casos resultam em agressões físicas e/ou psicológicas, podendo levar à morte. A ONG GGB, que é responsável por fazer o levantamento dos casos de crimes contra a comunidade LGBT no Brasil, divulgou no início de 2017 que 2016 teve o maior número de homicídios contra LGBT desde 2000 – ano que a ONG iniciou a divulgação – foram 343 mortes comprovadas por LGBTfobia no país. Seria precipitado afirmar que essas mortes

foram causadas pela forma de vestir das vítimas, mas ao que tudo indica, é que a associação pelos agressores se deu a partir da aparência e expressão. Com isso, o que ocorre é o incentivo ou repressão das formas de expressão afetivos-sexuais a partir de conceitos já construídos culturalmente, que 'estabelecem quais os comportamentos adequados e os inadequados; os sujeitos que não correspondem aos padrões de sexualidade são estigmatizados' (SOUZA e EUGÊNIO, 2017)

Por mais que a luta LGBT ganhe visibilidade, é justamente por isso que há uma resposta crescente de ódio. Muito por influência de posições políticas, onde grupos religiosos extremistas também ganham espaço, como é o exemplo da nomeada bancada evangélica, que diariamente se opõe a projetos de lei que combatem a homofobia e transfobia. Bento (2016) critica a posição política brasileira sobre o combate a preconceitos de orientação sexual e gênero, sobre o posicionamento homofóbico de muitos parlamentares nos últimos tempos: 'Se você não segue os caminhos da família heterossexual estará fora da Nação. Foi isso que aqueles deputados nos avisaram. Na Nação onde Deus é o senhor, não tem aborto, direitos sexuais reprodutivos, homossexualidades, mudança de gênero. Converta-se e salve-se', escreveu.

4. Pesquisa local

Para avaliar estas questões foi criada uma pesquisa através da ferramenta Google Docs e distribuída para 41 pessoas da geração Y e Z homossexuais, bissexuais e pansexuais sobre a forma de se vestir e a liberdade que as mesmas tem em se expressar. A pesquisa ocorreu na região do Vale do Sinos e Grande Porto Alegre no Rio Grande do Sul.

Além da identificação básica como idade, gênero e orientação sexual foi perguntado se estas pessoas se sentem livres para expressar o que gostariam com suas roupas, se não o que causa isso e por fim o que fariam, através das roupas, para mudar o mundo.

Como esta pesquisa não distingue gênero, apenas orientação sexual, não serão expostos resultados separando masculino, feminino ou não binário. Dentre os entrevistados 71% sentem-se à vontade para expressar sua orientação

sexual através das roupas em alguns lugares, 8% nunca se sentem à vontade e 21% sentem-se à vontade para se expressar independente do lugar. Dentre os motivos para não se sentirem livres quanto à liberdade de expressão inúmeras vezes a palavra 'medo' e 'vergonha' foram citadas, além de 'roupas curtas não são bem vistas' e 'não tenho cabeça para ser julgado', esta última fazendo relação ao tipo físico do entrevistado. Por fim, os entrevistados responderam quais possíveis maneiras de mudar o mundo através das roupas, em quase sua totalidade as respostas foram por mais igualdade de gênero e por mais oferta de roupas sem identificação ou limitação de gênero, além de doações de roupas usadas e informação sobre consumo desenfreado.

Considerações Finais

Este estudo contribuiu com demais pesquisas sobre a moda para as novas gerações, tendo foco, a parcela não heterossexual da sociedade brasileira, mostrando ser fundante ações governamentais que disseminem valores de aceitação para com a comunidade LGBT. A identificação através do vestir é cultural, e no caso dos *gays*, torna-se uma forma de manifestação. O vestir algo que o identifique como participante de um grupo é confortante, mas neste caso, a identificação clara, somada com a forte homofobia de uma sociedade heteronormativa gera, muitas vezes, casos de agressão física e/ou psicológica.

Através da pesquisa inicial, pode-se perceber o medo que usar roupas que geram a identificação da orientação sexual pode causar. A grande maioria dos pesquisados se privam em vários momentos do dia de usar o que os fazem bem para que não passem por momentos de agressões movidas pelo preconceito.

Assim, muito são os que se isolam para evitar se manifestar a respeito de sua orientação sexual. Desta forma, se afastam de grupos que fariam bem a sua autoestima e ficam suscetíveis a gerar complicações psicológicas pela baixa aceitação de si próprio.

Referências

ACCELERATING ACCEPTANCE 2017. 2017. GLAAD (Gay & Lesbian Alliance Against Defamation). Disponível em:

<<https://www.glaad.org/publications/accelerating-acceptance-2017>> Acesso em 15 de junho de 2017.

BERENICE, Bento. **Heteroterrorismo e o Lixo Humano**. Disponível em:<<http://berenicebento.blogspot.com.br/2016/04/heteroterrorismo-e-o-lixo-humano.html>>. Acesso em: 01 jul. 2017.

DUQUE, Tiago. **Gêneros incríveis: identificação, diferenciação e reconhecimento no ato de passar por**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. 2013.

FACCHINI, Regina. **Entre compassos e descompassos: um olhar para o "campo" e para a "arena" do movimento LGBT brasileiro**. Bagoas: Estudos gays. Rio Grande do Norte, n. 04, p. 131-158, jan. 2009.

FILHO, Adair Marques; GALINKIN, Ana Lucia. **Representações Sociais Construídas por rapazes gays**. In: Congresso Científico Têxtil e Moda, 2017, Centro Universitário FEI - Campus São Paulo. CONTEXMOD. São Paulo: [s.n.], 2017. p. 01-10.

GAUTHIER Jorge. Número de mortes de lgbts bate recorde em 2016 no brasil; bahia teve 32 homicídios. 23/01/ 2017. Disponível em:

<<http://blogs.correio24horas.com.br/mesalte/numero-de-mortes-de-lgbts-bate-recorde-em-2016-bahia-teve-32-homicidios>> Acesso em 15 de junho de 2017.

GOFFMAN, Erving. **Comportamento em lugares públicos: notas sobre a organização social dos ajuntamentos**. Tradução de Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. – Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2010.

MARINHO, Thalita. **Rapaz afirma ter sido expulso de bar por causa de homofobia**. O Tempo, Belo Horizonte, 03 jun. 2017. Cidade, p. 1. Disponível em:<<http://www.otempo.com.br/cidades/rapaz-afirma-ter-sido-expulso-de-bar-por-causa-de-homofobia-1.1482017>>. Acesso em: 01 jul. 2017.

PEREIRA, Bill; AYROSA, Eduardo André Teixeira; OJIMA, Sayuri. **Consumo entre gays: compreendendo a construção da identidade homossexual através do consumo**. Cadernos Ebape BR. Rio de Janeiro, v. 4, nº 2, pág. 1-16, Jun. 2006.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2013.

SOUZA, Ismael Francisco de; EUGENIO, Jessica Daminelli. **Diversidade e liberdade de expressão de orientação sexual: direitos, sociedade e conceitos na atualidade.** In: Âmbito Jurídico, Rio Grande, XIV, n. 92, set 2011. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?artigo_id=10249&n_link=revista_artigos_leitura>. Acesso em jun 2017



APOIO



REALIZAÇÃO

